

EDGAR ALLAN POE E MACHADO DE ASSIS: CONFLUÊNCIAS LITERÁRIAS NO SÉCULO XIX

Patrícia Cardoso¹
Greicy Bellin²

RESUMO: O objetivo deste artigo é realizar uma análise comparativa entre o homem das multidões de Edgar Allan Poe, e o Sólö, de Machado de Assis, percebendo tais narrativas como construtos ficcionais que mimetizam as tensões vividas pelos sujeitos diante das transformações trazidas pela modernidade. Serão levadas em consideração questões sócio-culturais relativas à circulação transatlântica de obras literárias no século XIX no Brasil, no sentido de definir como se estabeleceu um percurso literário entre os autores analisados, bem como os contextos nos quais tal percurso se manifesta.

Palavras-chave: modernidade; cidade moderna; homem moderno.

Edgar Allan Poe and Machado de Assis: literary confluences in the nineteenth century

ABSTRACT: This article's aim is to make a comparative analysis between 'The man of the crowd', by Edgar Allan Poe, and 'Sólö', by Machado de Assis, seeing these narratives as fictional constructs that reflect the conflicts which are brought about by modernity. Sociocultural aspects related to transatlantic circulation of literary works in nineteenth-century Brazil will be taken into consideration, in order to define the establishment of a literary path between the two writers that are being analyzed, as well as the contexts in which this path manifests itself.

Keywords: modernity; modern city; modern man.

A literatura do século XIX é permeada por textos que tematizam a cidade, representando a vida urbana e a constituição da identidade do homem moderno. Um dos mais famosos é 'Avenida Niévskiö', de Nikolai Gogol, publicado em 1834, que traz uma figuração tortuosa da posição do homem na sociedade, bem como uma percepção dilemática em relação ao espaço urbano, percebido como fascinante e ao mesmo tempo, ameaçador. A noção de modernidade parece ser o fulcro de tais representações, que nascem a partir da tentativa de se pensar como este novo homem se insere em um meio

¹ Doutora em Estudos Literários e professora adjunta de Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Paraná. pcardoso@ufpr.br

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. greicybellin@hotmail.com

que é produto de transformações de ordem cultural, social, econômica, política e geográfica.

O longo século XIX, na famosa formulação de Eric Hobsbawm, se caracteriza por ser um período de intensas modificações em diversos setores da sociedade, e também por ser uma época na qual se consolidam alguns paradigmas e convicções que vinham se esboçando e se articulando desde o século XVIII. Nos Estados Unidos, a revolução norte-americana havia oferecido condições favoráveis para a conversão das colônias inglesas em uma nação independente, processo este que se estendeu por todo o século XIX. Na esteira da guerra pela independência americana, a Revolução Francesa viria a alterar todo o quadro político e social da França, que se tornaria, ao lado da Inglaterra, uma das mais influentes nações do mundo, principalmente em termos culturais. No Brasil, a modernização se observa a partir da chegada da corte portuguesa em 1808, em um processo que abarca a independência brasileira de 1822 e a proclamação da República em 1889, período no qual o Brasil, sob profunda influência cultural da França e da Inglaterra, se consolidou enquanto nação moderna. Neste contexto, alguns autores procuraram representar a cidade e a identidade do homem moderno, apresentando certas perspectivas que se entrecruzam, o que forma um sistema de confluências que parece não estar desvinculado de fatores econômicos, políticos e sociais vigentes ao longo do século XIX.

Com base em tais ideias, o objetivo do presente artigo é analisar algumas relações de confluência existentes entre Edgar Allan Poe e Machado de Assis, considerando-os não só como escritores pertencentes ao cânone, mas como verdadeiros pensadores da modernidade. A análise comparativa entre *O homem das multidões*, de Poe, e o conto *Só!* de Machado, nos sugere a possibilidade de pensar em relações intertextuais mediadas pela natureza da circulação e recepção dos textos literários no século XIX, bem como em um intercâmbio cultural entre Estados Unidos, Brasil e França.

Ao propor uma análise comparativa entre Poe e Machado, é importante analisar a importância dos fatores culturais que contribuíram para o surgimento de um diálogo entre estes autores. A circulação transatlântica de periódicos, romances e demais escritos, que aumentou visivelmente ao longo do século XIX, parece ser uma das principais responsáveis pelos intercâmbios literários existentes entre eles. Para Eric Hobsbawm, a transformação do mundo em fins do século XVIII e início do século XIX se deu sobre bases franco-britânicas. Ao passo que a Revolução Francesa transformou a

França em uma relevante potência cultural, a Revolução Industrial transformou a Inglaterra na maior potência fabril do mundo, a partir da construção de uma frota mercante, com aumento das facilidades portuárias e com a melhoria das estradas e das vias de navegação. Para Hobsbawm, a superioridade da nova ordem social estava exemplificada no conflito entre essas duas forças (HOBSBAWM, 2012, p. 53). A literatura parece ilustrar este conflito, principalmente no que diz respeito à circulação transatlântica das obras literárias. Com a fundação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro em 1808, ocorre a liberação das atividades de impressão no Brasil; antes desta data, quem quisesse ter um livro em mãos deveria importá-lo de Portugal, obtendo, previamente, uma autorização da censura (ABREU, 2012, p. 1). A importação de obras literárias em terras brasileiras continuou muito forte, uma vez que a produção local ainda era bem reduzida, principalmente no campo da ficção. O controle sobre a impressão e circulação de livros se manteve ativo até 1821, de forma que os registros da censura fazem com que seja possível ter uma ideia a respeito das preferências dos leitores que viviam no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX. De acordo com Márcia Abreu, a importância da referência francesa é muito expressiva, correspondendo a 80% dos livros importados neste período (ABREU, 2012). De fato, no século XIX, a França era uma verdadeira referência para a cultura brasileira, sendo que a maioria dos romances, fossem ingleses ou norte-americanos, chegavam aos portos brasileiros em tradução francesa, ou eram traduzidos a partir do francês. Sandra Gardini Vasconcellos vai ainda mais longe neste raciocínio ao afirmar que muitos romances importados para o Brasil eram, na realidade, de procedência inglesa e ocultavam sua verdadeira origem atrás de títulos franceses ou da informação de que haviam sido traduzidos para o francês (VASCONCELLOS, 2012, p. 6). A mediação francesa é inegável neste contexto, devido não só à fascinação exercida pela cultura francesa e ao galicismo reinante no meio cultural e literário brasileiro, mas também à antipatia nutrida pelo governo brasileiro em relação aos ingleses devido a sua supremacia civil, política e econômica.

Outros fatores que contribuíram ainda mais para o afluxo de obras estrangeiras para o Brasil foram a existência de gabinetes de leitura, como o Real Gabinete Português, que era frequentado por Machado de Assis, bem como a fundação de bibliotecas e a disseminação da cultura e da leitura literária através de livreiros-editores, homens de letras, tradutores e indivíduos expatriados, que são chamados por Tânia Bessone de

transmissores culturais ativos (BESSONE, 2012, p. 8). Neste sentido, e considerando ainda a importância da influência francesa, é bem possível que Machado de Assis tenha entrado em contato com os textos de Poe através do poeta francês Charles Baudelaire, que pode ser considerado um transmissor cultural, tendo sido o responsável pela popularização e difusão da obra de Poe. Baudelaire conferiu visibilidade e até mesmo credibilidade à obra poeana, tendo se identificado com os temas abordados nela: «A primeira vez que abri um livro seu, vi, espantado e maravilhado, não apenas assuntos cogitados por mim, mas frases pensadas por mim, e escritas por ele, vinte anos antes» (BAUDELAIRE, 2003, p. 7). A obra de Poe foi traduzida tanto por Baudelaire quanto por Machado, que publicou, em 1883, a polêmica tradução de «O corvo». De acordo com Cláudio Weber Abramo, o escritor realista brasileiro, mesmo lendo fluentemente em inglês, traduziu o poema de Poe a partir da tradução de Baudelaire, cometendo praticamente os mesmos equívocos do poeta francês (ABRAMO, 2011, p. 76). Sendo assim, é possível estabelecer uma relação de confluência entre Poe e Machado de Assis não só pela semelhança dos temas, mas também pela natureza da recepção e circulação de textos literários no século XIX, relações estas mediadas pela tradução e pela transcrição de obras que penetraram em nossa literatura por meio de figuras chave da intelectualidade brasileira, como é o caso de Machado.

Ao analisar o contexto brasileiro da época, não se pode negligenciar as relações políticas que começaram a se esboçar entre Brasil e Estados Unidos na época de Machado de Assis. De acordo com Sílvia Maria Azevedo, os Estados Unidos já se encontravam bastante adiantados no processo de modernização, pois tinham conseguido se equiparar, em tempo recorde, ao nível tecnológico de potências europeias como Londres e Paris. Na visão da autora, a nação norte-americana tornara-se um modelo a ser seguido pelo Brasil, que dava os primeiros passos rumo à modernidade. Tal atitude se justifica pelo fato de que «os Estados Unidos eram exemplo de grandes conquistas: a libertação dos escravos, a igualdade de direitos, o regime democrático, a instrução pública, a publicação de livros, o desenvolvimento da indústria, o incentivo às ciências (...)» (AZEVEDO, 2010, p. 22). Azevedo discorre ainda sobre a Exposição Universal de Filadélfia, realizada em Nova York em 1876, e que contou com a presença do imperador Dom Pedro II, desejoso de estabelecer alianças entre «o Novo Mundo e a Europa» (AZEVEDO, 2010, p. 20). O evento permitiu a aproximação entre os dois países, uma vez que ambos eram de independência recente e estavam caminhando rumo

ao progresso e à modernização. Machado de Assis talvez estivesse atento a isto, uma vez que foi buscar, em um autor norte-americano, inspiração para sua criação literária, conforme será analisado a seguir.

ÕO homem das multidões e ÕSó!õ: a modernidade em plena efervescência

Charles Baudelaire, em ÕO pintor da vida moderna, declara que o artista moderno deve ser capaz de representar, em sua arte, a transitoriedade, a efemeridade e a contingência da vida moderna, marcada pelas mudanças nos modos de viver, pensar, sentir e agir (BAUDELAIRE, 2006). Com base na análise dos contos de Poe e de Machado, é possível perceber como esta tensão se articula e como ela se manifesta nos temas escolhidos pelos autores. Poe, por exemplo, associa a cidade moderna com a criminalidade, e ao criar a figura do homem das multidões, nos faz refletir sobre a tragicidade e ao mesmo tempo, sobre o deleite de viver no meio da multidão. Machado, por outro lado, nos mostra de forma leve, irônica e bem-humorada o dilaceramento de um cosmopolita convicto entre estar só e viver em sociedade, denunciando a superficialidade e a falta de reflexão que podem advir de uma agitada vida nas metrópoles.

Ao analisar os contos, é relevante atentar para as vozes que os constroem. ÕO homem das multidões é narrado em primeira pessoa por um homem que se encontra em estado de convalescença, e que observa a multidão da janela de um café londrino. Como sabemos, o narrador em primeira pessoa relata os fatos à sua maneira, sem qualquer neutralidade, de forma que a narrativa é norteada por suas impressões subjetivas. Portanto, é um narrador considerado pouco confiável, uma vez que narra unicamente de seu ponto de vista. No conto de Poe, a falta de neutralidade é ainda mais acentuada, uma vez que o narrador diz encontrar-se Õem uma daquelas felizes disposições que são tão precisamente o contrário do tédio. (POE, 2001, p. 392). Assim, temos um narrador extremamente propício à investigação, um narrador que, ao declarar que está se recuperando de uma doença, reforça não só a peculiaridade de sua condição mas também a predisposição a se impressionar com qualquer coisa que lhe atraia um pouco mais a atenção. Além disso, há um conflito básico que norteia a posição do narrador: a tensão entre o espaço público e o espaço privado, mimetizada por uma postura que oscila entre a leitura do jornal e a observação da turba. Tal conflito parece

ser uma das características dos novos modos de sociabilidade que surgem com a modernidade, uma vez que representa não só a cisão da identidade moderna mas também a percepção dilemática em relação ao espaço urbano.

ÕSó!ö é narrado em terceira pessoa por um narrador que nos conta a história de Bonifácio, um *bon vivant* que resolve, por influência do filósofo Tobias, passar duas semanas isolado em uma chácara afastada do Rio de Janeiro. Tal narrador apresenta mais neutralidade e distanciamento, podendo inclusive penetrar na mente dos personagens para conhecer seus pensamentos. Esta é a atitude do narrador machadiano, que relata toda angústia de Bonifácio ao experimentar a solidão na chácara. Conforme já mencionado, logo no segundo parágrafo da narrativa, Poe e õO homem das multidõesö são citados pelo narrador:

Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um de seus admiráveis contos, a corrida de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só. õEsse homem, conclui ele, é o tipo e o gênio do crime profundo: é o homem das multidõesö. Bonifácio não era capaz de crimes, nem ia agora atrás de lugares povoados, tanto que vinha recolher-se a uma casa vazia (ASSIS, 2008, p. 185).

A referência a Poe estabelece um jogo intertextual irônico, uma vez que, ao afirmar que Bonifácio não é igual ao homem das multidões, o narrador está implicitamente sugerindo que ambos compartilham uma característica: não conseguem ficar sozinhos. Obviamente há uma diferença entre os dois, pois enquanto o personagem de Poe vaga sem destino pelas ruas de Londres, procurando sempre a multidão, o personagem machadiano resolve se isolar. No entanto, ambos enfrentam o mesmo drama, que parece sintetizar a condição ambígua do homem moderno: viver no meio da multidão ou recolher-se ao isolamento. A alienação e/ou individualização do sujeito oferece ao homem moderno duas opções: imiscuir-se na turba ou viver na solidão. No conto de Poe, a angústia do narrador-protagonista em relação à frustrada perseguição do velho misterioso parece mimetizar o dilaceramento do homem moderno, dividido entre a curiosidade suscitada pela macabra fisionomia do homem das multidões e o cansaço de uma caminhada de quase dois dias. Além disso, uma leitura mais atenta da narrativa poeana nos sugere que o homem das multidões pode ser uma projeção da identidade do narrador, uma vez que ambos compartilham algumas características, entre elas o desejo de nunca ficar só, assim como Bonifácio. Baseando-se em tais considerações, percebe-

se a instauração de um dilema em relação ao lugar do sujeito no meio da multidão, bem como o desconforto em relação à brevidade e à superficialidade dos encontros e relacionamentos com as pessoas, já que tanto Bonifácio quanto o homem das multidões vagam livremente pela cidade apreciando seus atrativos e sem se prender definitivamente a nada ou a ninguém.

Neste sentido, pode-se afirmar que o narrador do conto de Poe, o ancião misterioso e o personagem machadiano são caracterizados como *flanêurs*, isto é, como pessoas que, com um prazer próprio do *voyeur*, se deleitam com a observação refletida e minuciosa dos habitantes citadinos e suas atividades diárias. Para Walter Benjamin, a cidade é o verdadeiro templo do *flanêur*, espaço por excelência de suas perambulações, na qual ele se depara com a contradição de se sentir só em meio à multidão (BENJAMIN, 2009, p. 475). Baudelaire também louva o homem que mergulha na multidão: para ele, ãuma incursão na paisagem urbana não deve ter direção nem propósito; é uma rendição passiva ao fluxo aleatório de surpreendentes e inumeráveis ruas (MENEZES, 2009, p. 74). Ainda de acordo com Menezes, o surgimento e a remodelação dos espaços públicos levaram à criação de uma figura dotada de disposição para vagar e observar detalhadamente as cenas de rua, um ser ocioso que dispõe de uma manhã ou de uma tarde para zanzar sem direção pelas ruas e avenidas da metrópole moderna. O *flanêur* é também um fisiognomista nato, que percorre a história social da cidade, deixando-se levar pelos seus artefatos de consumo e pelas suas mais variadas atrações. Além das ruas, as passagens descritas por Benjamin são seus lugares prediletos, pois nelas estas criaturas singulares podem transitar e admirar sem pressa todas as novidades que a metrópole oferece. Além disso, a associação da *flanêrie* com a ociosidade é bastante frequente: o narrador de Poe se encontra ocioso ao observar da janela o homem das multidões, assim como Bonifácio, que cultivava um ócio aristocrático. Baudelaire, por sua vez, é o melhor exemplo real do *flanêur* ocioso, uma vez que vivia da renda de seu pai, que foi toda gasta por ele próprio com bebidas, drogas e prostitutas.

Há, contudo, uma diferença fundamental entre o que Benjamin chama de *flanêur* e o que ele refere como *badaud*, isto é, o basbaque:

O simples *flanêur*... está sempre em plena posse de sua individualidade; a do *badaud*, ao contrário, desaparece, absorvida pelo

mundo exterior.... que o impressiona até a embriaguez e o êxtase. O *badaud*, sob a influência do espetáculo, torna-se um ser impessoal; não é mais um ser humano, é o público, é a multidão. De natureza diferente, alma ardente e ingênua, inclinada ao devaneio.... o verdadeiro *badaud* é digno da admiração de todos os corações retos e sinceros (BENJAMIN, 2009, p. 473)

Com base na leitura deste trecho, pode-se afirmar que o narrador de Poe, por exemplo, passa de *flanêur* a basbaque quando deixa de contemplar e analisar racionalmente a multidão londrina para se imiscuir na multidão no encalço do ancião misterioso. Desta forma, a metrópole moderna se reveste de roupagens contraditórias e desnorteantes no que diz respeito ao lugar do sujeito, seja propiciando a ele um espetáculo de observação dos seres humanos, seja envolvendo-o de forma quase incontrolável por seus encantos. Assim sendo, convém perguntar: porque o narrador poeano fica tão extasiado e curioso diante da contemplação do velho no meio da multidão? O que faz com que ele resolva, quase que irrefletidamente, acompanhar o ancião? Ao ler a narrativa com atenção, e sem perder de vista a ideia de cisão da identidade moderna, o leitor não demora a interpretar a perseguição do narrador como uma espécie de busca de si mesmo, uma tentativa de encontrar sua própria identidade. Tal busca assume contornos noturnos e misteriosos não só por conta do cair da noite, mas devido à tragicidade que a acompanha, conforme expresso no primeiro parágrafo da narrativa:

Homens morrem, à noite, em suas camas, torcendo as mãos de confessores espectrais e fitando-lhes lastimosamente os olhos; morrem com desespero no coração e convulsões na garganta por causa da hediondez de mistérios que *não toleram* ser revelados. De vez em quando, ai!, a consciência do homem suporta uma carga tão pesada de horror que só pode ser descarregada na sepultura. E dessa forma a essência de todos os crimes fica irrevelada. (POE, 2001, p. 392)

O que seria essa carga de horror tão pesada que oprime o homem? Qual segredo que não tolera ser revelado? Será o segredo de uma identidade complexa e mutável como a identidade moderna, passível o tempo todo de conflitos e dilemas variados? O narrador associa o segredo hediondo e a òcarga pesada de horrorõ à ideia de crime, o que remete ao final da narrativa, quando ele chega à conclusão de que o velho é o õgênio do crime profundoõ. Percebe-se, desta forma, que a identidade moderna é capaz de carregar

contornos trágicos, que, ao serem expressos no primeiro parágrafo do conto, funcionam como uma espécie de chave de leitura para o resto da narrativa.

Outro aspecto que merece destaque é o prazer que o narrador de Poe sente em contemplar os sujeitos que passam pela rua, realizando um exame minucioso no qual classifica os passantes de acordo com gênero, idade, classe social, e profissão: escreventes, batedores de carteira, jogadores profissionais, revendedores judeus, inválidos, moças humildes, prostitutas, boêmios, vendedores, operários, enfim, toda a sorte de pessoas que se pode encontrar em uma metrópole como Londres. Percebe-se, nesta parte da narrativa, um interesse em retratar a cidade moderna como algo mutável e polivalente, um ambiente no qual circulam pessoas das mais variadas etnias, nacionalidades e formação profissional, e também aquelas pessoas consideradas seres à parte na sociedade:

Descendo na escala da chamada elite, encontrei temas mais sombrios e mais profundos para especulação. Vi camelôs judeus, com olhos de lince faiscando em rostos de que todas as outras feições expressavam apenas abjeta humildade; robustos mendigos profissionais fazendo cara feia para pedintes de melhor aparência, a quem somente o desespero tinha jogado na noite a pedir caridade; inválidos débeis e cadavéricos, sobre os quais a morte pusera uma mão firme, e que mancavam e titubeavam em meio à multidão, encarando a todos com um olhar suplicante, como que em busca de alguma consolação fortuita, alguma esperança perdida; garotas modestas vindo de uma lida longa e tardia para um lar infeliz, e retraindo-se mais por aflição do que indignação diante do olhar de bandidos com os quais sequer o contato direto podia ser evitado; mulheres da vida de todo tipo e toda idade ô a inequívoca beldade no primor de sua feminilidade, lembrando a estátua em Luciano, com sua superfície de mármore de Paros e seu interior recheado de lixo ô a nojenta e absolutamente decaída leprosa em andrajos ô a bruxa enrugada, coberta de bijuterias e encoberta pela maquiagem, fazendo um derradeiro esforço de juventude ô a mera criança de formas imaturas, mas já iniciada, por longa convivência, nos terríveis dengos do seu comércio, e ardendo na voraz ambição de se igualar ao nível de suas veteranas no vício; incontáveis e indescritíveis bêbados ô alguns deles em farrapos e remendos, cambaleantes, desarticulados, com rostos machucados e olhos mortiços ô outros com roupas intactas porém imundas, uma fanfarronice ligeiramente vacilante, lábios grossos e sensuais, caras rechonchudas e de aparência cordial ô outros vestidos com tecidos que tinham sido bons um dia, e que mesmo agora estavam escrupulosamente escovados ô homens que andavam com um passo mais firme e flexível do que o natural, mas cujos rostos eram assustadoramente pálidos, cujos olhos eram pavorosamente vermelhos e desvairados, e que agarravam com dedos trêmulos, ao transitar a passos largos pela multidão, todo objeto que estivesse a seu alcance;

além disto, doceiros, mensageiros, carregadores de carvão, limpadores de chaminé; tocadores de realejo, exibidores de macacos, mercadores de canções, os que vendiam com os que cantavam; artesãos maltrapilhos e trabalhadores exaustos de toda espécie, e todos cheios de uma ruidosa e desordenada animação que rangia destoante nos ouvidos e trazia aos olhos uma sensação dolorosa. (POE, 2001, p. 394)

Nesta longa e detalhada descrição, o narrador retoma, ainda que de forma implícita, algumas ideias expostas no primeiro parágrafo da narrativa, principalmente no que diz respeito ao horror e à hediondez da condição humana. No entanto, no trecho acima tal horror e tal hediondez aparecem associados à cidade moderna e à multidão, percebida pelo narrador como um objeto que se presta à especulação. Conforme já analisado, o narrador se encontra em estado de convalescença e sente um renovado interesse por tudo, como se tivesse recuperado a própria vida e sentisse necessidade de perscrutar a fundo a alma de todos os transeuntes que passam pela rua. Tal é a atitude do *flanêur*, que, ao mesmo tempo em que se extasia com a contemplação da turba, fica atordoado com a desordenada animação proveniente dela, o que aponta para os aspectos contraditórios de sua condição enquanto observador. Vale também ressaltar a preocupação em transformar o grotesco em objeto de descrição literária, e a associação do belo com o feio, principalmente no que diz respeito à caracterização da figura feminina, expressa na figura da velha que oscila entre o derradeiro esforço de juventude e a decrepitude total de sua condição, e na figura da jovem de formas ainda imaturas que se inicia na prostituição. Ao descrever tais personagens, o narrador demonstra uma consciência de ordem social, pois foca nos problemas advindos da modernização de uma cidade como Londres. Tais problemas serão ainda descritos mais adiante na narrativa, quando o narrador segue o homem das multidões para um dos lugares mais deploráveis da cidade.

O ancião identificado pelo narrador em meio à multidão é descrito como um velho decrepito, de uns sessenta e cinco ou setenta anos de idade, uma fisionomia que imediatamente deteve e absorveu toda a minha atenção, por causa da peculiaridade absoluta de sua expressão (POE, 2001, p. 391). A figura do velho também frustra a índole detetivesca do narrador, que, curioso por não conseguir decifrar o significado daquela expressão, resolve entrar na turba para persegui-lo. Percebemos, assim, que a deambulação noturna se instala com base na dúvida nutrida pelo narrador em relação ao misterioso personagem, dúvida esta sintetizada pela citação alemã que abre a narrativa:

er lässt sich nicht lesen, isto é, ãaquele que não se deixa lerö. Assim, o leitor pode voltar à pergunta feita anteriormente: porque o narrador fica tão impressionado com o velho? E por que razão se torna tão obstinado em persegui-lo pelas ruas, mesmo estando ainda um pouco doente? A resposta, conforme já dito, talvez resida no fato de que o narrador, ao olhar para o velho, vê uma imagem, ainda que distorcida, de sua própria pessoa, como uma espécie de desdobramento de sua identidade. Ao ler a narrativa com atenção, é possível encontrar alguns fatos que podem corroborar tal leitura, e que ajudam a compreender como se constrói tal identificação.

Os primeiros fatos que chamam a atenção do narrador são a magreza e a fraqueza excessiva do ancião, que podem ter um correlato com seu estado de convalescença. Ele não diz explicitamente que está fraco ou magro, mas o fato de ainda estar levemente adoecido pode apontar para estas condições. Outro aspecto digno de destaque é a pequena distância mantida pelo narrador em relação ao velho: ele o acompanha bem de perto, como se fosse uma espécie de sombra, e faz questão de não atrair a sua atenção: ãfoi necessária muita cautela de minha parte para mantê-lo ao alcance sem atrair-lhe a atenção. Felizmente, usava eu um par de galochas e podia andar em perfeito silêncio. Em momento algum percebeu ele que eu o observavaö (POE, 2001, p. 398). O que estaria por trás desta necessidade de se esconder tanto do homem das multidões? Durante a perseguição, é como se o narrador estabelecesse um estranho vínculo com o ancião, baseado na observação unilateral de seus atos e em uma característica que é comum aos dois: a dificuldade de ficar só. Se o velho fica entristecido ao perceber que as ruas se esvaziam e logo muda de direção, o narrador, por estar convalescendo, também não quer ficar sozinho, também quer usufruir dos prazeres e dos perigos oferecidos pela turba. Assim, pode-se afirmar que o velho é uma projeção de sua identidade, pois os dois têm interesse por tudo e por todos os que circulam no espaço urbano.

A perseguição noturna pelas ruas de Londres tem, no conto de Machado, um equivalente: a inquietação de Bonifácio dentro de casa. O narrador relata tudo aquilo que o personagem faz para conseguir se distrair: lê livros, tenta jogar cartas, toma champanhe, tudo isto ao som de uma chuva torrencial, que aumenta ainda mais sua agitação. O filósofo Tobias lhe dissera que não havia nada melhor do que viver no isolamento, e que a melhor companhia para usufruir a solidão eram as ideias:

Trago um certo número de ideias; e, logo que fico só, divirto-me em conversar com elas. Algumas já vêm grávida de outras, e dão à luz a cinco, dez, vinte, e todo esse povo salta, brinca, desce, sobe, às vezes lutam umas com as outras, ferem-se e algumas morrem; e quando dou acordo de mim, lá se foram muitas semanas. (ASSIS, 2008, p. 186).

Ao ler o trecho acima, é possível perceber a associação entre o isolamento e a capacidade de reflexão e ruminação intelectual. Entretanto, Bonifácio parece não entender a deixa do filósofo, uma vez que não se isola para pensar, e sim para descansar do convívio social. Neste sentido, estabelece-se uma inegável interlocução entre Tobias e Bonifácio, uma vez que o primeiro tenta ensinar ao segundo uma maneira de se viver na solidão. Bonifácio tenta se projetar em Tobias mas não consegue, pois sua veia cosmopolita acaba falando mais alto. Portanto, a interlocução falha quando o protagonista se isola com outras intenções, o que confirma não só a ironia do texto machadiano como também a tensão entre o espaço público e o privado, criadora de um conflito que persegue o personagem durante toda a narrativa. Bonifácio começa a se recordar de suas andanças pela cidade, de suas amizades e de seu amor por Carlota, e sua agitação cresce até que resolve deixar o refúgio. Assim, reitera-se a ironia do jogo textual machadiano, uma vez que Bonifácio, sendo um *bon vivant*, está longe de ser igual ao homem das multidões, mas padece do mesmo mal que ele.

O tom realista está presente em *O homem das multidões*, não só na caracterização de Londres como metrópole urbana, mas também dos problemas sociais advindos de seu crescimento, conforme observamos no trecho a seguir:

Era o mais asqueroso quarteirão de Londres, onde todas as coisas apresentavam as piores marcas da mais deplorável miséria e do mais desenfreado crime. À luz nublada de um lampião perdido, cortiços de madeira, comidos de cupim, alto, antigos, viam-se prestes a ruir, em tantas e tão caprichosas direções que dificilmente se distinguia uma aparência de passagem entre eles. As pedras do calçamento estavam espalhadas, arrancadas de seus leitos pelo capim luxuriante. Horrível sujeira ulcerava as sarjetas entupidas. A atmosfera inteira transbordava de desolação. Contudo, enquanto avançávamos, os rumores da vida humana se foram gradativamente reavivando e por fim, grandes bandos da gentinha mais miserável de Londres eram vistos aos ziguezagues, para lá e para cá. A energia do velho de novo bruxuleou, como uma lâmpada prestes a extinguir-se. Mais uma vez caminhou a passos largos e elásticos para a frente. De repente, dobrou numa esquina: um clarão forte irrompeu à nossa vista e ficamos diante de um dos mais imensos templos suburbanos da Intemperança, um dos palácios do demônio Álcool. (POE, 2001, p. 399).

Neste trecho, depreende-se uma preocupação de ordem social, que denuncia as mazelas da grande cidade e de seus habitantes, com especial ênfase nos descaminhos que a bebida alcoólica, concebida como algo demoníaco, pode provocar nos seres humanos. Neste sentido, Poe revela possuir uma concepção trágica das consequências advindas do surgimento da modernidade, uma vez que a cidade industrializada pode se converter em um antro de perdição. Tal concepção está também presente em *Õ Avenida Niévskiö*, principalmente quando o narrador nos fala que não há nada mais terrível do que a beleza associada à depravação, ou mais especificamente, à prostituição. No início de *ÕO homem das multidõesö*, conforme já analisado, há uma descrição das camadas mais baixas da sociedade que confirma a tendência a caracterizar a metrópole moderna como algo fascinante e, ao mesmo tempo, destruidor e ameaçador.

No conto de Machado, há a ironia e a sutileza de um narrador, que apresenta Bonifácio como um sujeito em total harmonia com a multidão, e que se sente feliz ao voltar a frequentar a rua do Ouvidor. Mais uma vez a rua é percebida como o espaço por excelência da modernidade, o local propício para variados intercâmbios sociais e culturais. A harmonia de Bonifácio, contudo, é desarticulada pela angústia do personagem quando este se depara com a solidão, evidenciando que ele gosta de viver em sociedade para escapar de seus problemas. A visão crítica machadiana se encontra sintetizada na figura de Tobias, que denuncia a falta de capacidade reflexiva não só de Bonifácio como do próprio homem moderno, que não sabe como lidar com as transformações sociais e com suas próprias angústias existenciais. Ao construir esta narrativa, Machado demonstra estar atento a estes dilemas, lançando mão da ironia para representá-la. Poe, por outro lado, apresentam uma visão mais contundente e trágica da vida moderna, expressa no homem que vaga freneticamente pelas ruas à procura da multidão.

Um tédio mortal toma conta do narrador poeano no segundo dia de perseguição ao velho. Também vale ressaltar a estrutura circular de *ÕO homem das multidõesö*, que acaba com as mesmas roupagens trágicas com as quais iniciou:

Este velho ó disse eu por fim ó é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa estar só. É o *homem das multidões*. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais espesso do que o Hortulus Animae, e talvez seja apenas

uma das grandes misericórdias de Deus o fato de que *er lässt sich nicht lesen*. (POE, 2001, p. 400).

O caráter circular é conferido pela citação alemã, que remete ao mistério que ronda não só a cidade moderna, mas a própria identidade humana. O conto de Poe termina com a conclusão do narrador a respeito da personalidade do velho, justificando sua incapacidade de decifrar o misterioso homem das multidões. No entanto, como se trata de uma narração em primeira pessoa, é possível colocar em cheque as declarações deste narrador, pois ele não estaria sendo incapaz de decifrar o velho e sim recusando-se a encontrar a si próprio na imagem dele. Sendo assim, pode-se talvez concluir que o incômodo expresso no último parágrafo da narrativa advém de uma busca frustrada por si mesmo e pela própria identidade, busca esta justificada com a declaração de que o velho, assim como o próprio narrador, é um homem das multidões, um ser que não se deixa ler, que se encontra perdido nas ruas da metrópole moderna e que por isso nunca conseguirá, de fato, se encontrar.

O conto de Machado também se encerra da mesma forma que iniciou: com uma conversa entre Bonifácio e Tobias. Ao ser questionado sobre o isolamento, Bonifácio revela que não conseguiu suportá-lo, ao que Tobias responde: “Quer saber? Você esqueceu-se de levar o principal da matalotagem, que são justamente as ideias” (ASSIS, 2008 p. 190). Em resposta ao comentário do filósofo, o protagonista ri, e logo começa a falar de outro assunto. Com um final leve e bem-humorado, bem diferente do final trágico de Poe, Machado deixa no ar uma reflexão sobre a vida moderna, mostrando que o gosto pela vida em sociedade traz consigo a alienação do sujeito humano, que ou perambula sem destino pelas ruas da cidade, ou tenta, sem sucesso, fugir dela.

A análise das relações entre “O homem das multidões” e “Só!” parece apontar para um estilhaçamento do sujeito moderno, um sujeito que nunca será uno, mas duplo e talvez, múltiplo. Os personagens de tais narrativas parecem estar imersos em dilemas sobre suas posições no mundo, um mundo em constante transformação, marcado pelas mudanças características da modernidade. Desta maneira, é possível considerar Edgar Allan Poe e Machado de Assis escritores atentos a seu tempo, o que os transforma não só em autores canônicos mas também em genuínos escritores e pensadores de uma literatura moderna, preocupada em representar os mecanismos de mudança social e as transformações operadas na identidade do homem moderno, que cria novas referências sobre os modos de ser, pensar e agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio Weber. *O corvo: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Hedra, 2011.
- ABREU, Márcia. A circulação de romances como problema para a história literária. In: *Anais da Escola São Paulo de Estudos Avançados*, 2012, Campinas. Disponível em: http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_134_pt.pdf Acesso em 02. jun. 2013.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- AZEVEDO, Sílvia Maria. A modernidade atravessa o Atlântico: imagens do progresso científico em duas revistas brasileiras do século XIX. In: _____; CAIRO, Luiz Roberto; PEREIRA, Mário Roberto (Org.). *Arquivos revisitados da América Lusã: escritos sobre memória e representação literária*. Assis: UNESP, 2010, p 11-26.
- BAUDELAIRE, Charles. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. _____ . *Ensaaios sobre Edgar Allan Poe*. São Paulo: Ícone, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- BESSONE, Tânia; NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira. Impressores, livreiros e conceitos: circuito de circulação de ideias ó Brasil, Portugal e França ao longo do oitocentos. In: *Anais da Escola São Paulo de Estudos Avançados*, 2012, Campinas. Disponível em: http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_127_pt.pdf Acesso em 02. jun. 2013.
- BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- GOGOL, Nikolai. *Avenida Niévski e notas de Petersburgo de 1836*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: CosacNaify, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções*. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- MENEZES, Marcos Antonio de. O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi e flâneur. *Revista Fato & Versões*: Uberlândia, n. 1, v. 1, p. 64-81, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahí. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista brasileira de história*: São Paulo, v. 27, n. 53, p. 1-10, 2007.
- POE, Edgar Allan. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPILLER, Robert. *The cycle of American literature*. New York: McMillan Company, 1963.

THOMPSON, G. R. (org). *The selected writings of Edgar Allan Poe*. New York: Norton and Company, 2004.

VASCONCELLOS, Sandra Guardini. Romances sem fronteiras. In: *Anais da Escola São Paulo de Estudos Avançados*, 2012, Campinas. Disponível em: http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_129_pt.pdf Acesso em 02. jun. 2013.

Recebido em 3 de julho de 2013.

Aceito em 7 de agosto de 2013.